

tria do Instituto de Planejamento do IPEA sobre transferência e criação de tecnologia na indústria nacional.

Estes dados constatarão a falta de inter-relacionamento do sistema científico com o sistema produtivo, isto é, a não ligação das instituições de pesquisas com as indústrias.

Para que possamos entender melhor o estudo feito foi este dividido em três partes: Inicia-se com os propósitos do trabalho e da metodologia seguida, documentando as informações quanto às empresas e quanto aos trabalhos realizados pelos Institutos de Pesquisa e, ainda, os dados que foram objeto do estudo bem como as suas limitações.

A segunda parte trata das indicações dos dados, isto é, das demandas dos serviços dos Institutos analisadas segundo sua intensidade, seus ramos de atividade, sua natureza e propriedade das empresas, sua concentração nos Institutos Tecnológicos, sua localização nas empresas, sua dimensão, sua orientação nos campos tecnológicos e científicos para finalizar com a orientação dos próprios Institutos de Pesquisa nos campos tecnológicos e científicos.

A última parte foi reservada à divulgação da relação das empresas solicitantes dos serviços de Institutos de pesquisa, e traz um quadro ilustrativo dos dados mencionados no decorrer do trabalho.

Como se observa, a presente edição oferece importante subsídio aos futuros estudiosos que se dedicarem ao tema.

BARNET Richard J., MÜLLER Ronald E. *Global reach the power of the Multinational Corporations*. New York, Simon and Schuster, 1974, 508 p.

Os agudos problemas enfrentados por todas as nações do mundo são comumente descritos por uma disciplina denominada "Relações Internacionais". Mas as crises enfrentadas por cada um dos Estados se tornaram ameaçadoras e as perspectivas de solução a curto prazo se desvanecem. Para cada país, hoje, seria necessário vasto estudo, verdadeira patologia geral, com várias e minuciosas especialidades. Como exemplo, só o caso do Brasil, o estudo de nossas regiões geopolíticas demandaria prazo imenso e os resultados estariam longe de serem um todo coeso. Nossa complexidade continental é um mundo à espera da cartografia sistematizadora.

A bibliografia sobre problemas econômicos da atualidade possui uma característica peculiar: todos os ramos das Ciências Sociais, especialmente o Direito, ocupam-se da análise de um mal-estar mundial, causada por fatores vários, pela inflação crescente, disparidades entre Estados ricos e pobres, políticas contraditórias e ambíguas. A peculiaridade da bibliografia reside no fato de que encontramos analisados

os principais ciclos econômicos tanto sob o verbete *Economia* quanto sob o vocábulo *Direito Internacional Público, Relações Internacionais, Sociologia Política, Ciência Política* e outras. A dificuldade de se encontrar um sistema que nos coloque a par das novas tendências da economia, do desenvolvimento e do comércio internacional é bem grande.

Entretanto, há uma obra que pode ser considerada verdadeira propeêutica, introdução geral aos problemas da moderna economia internacional. Seu contexto é muito mais ligado a uma concepção filosófica do que à exposição de teorias e estatísticas falazes, tão ao gosto da Gestapo, há alguns anos atrás, quando foram habilmente utilizadas.

O livro de Richard J. BARNET e Ronald E. MÜLLER, *Global Reach the power of the Multinational Corporations*, embora tenha sido publicado em 1974, assim um tanto antigo, adquire, no entanto, cada vez mais sabor atual e acuidade que justificam sua leitura contínua. Deve ser lido, e relido, para que os problemas econômicos atuais não sejam treslidos.

Constitui-se em excelente peça a quatro mãos, utilíssimo volume de informações e contendo uma estrutura bibliográfica desenvolvida ao longo das três partes em que foi dividido o trabalho. Ao fim do livro, as notas de texto constituem excelente bibliografia para o conhecimento do panorama atual das Ciências Econômicas e Sociais.

A estrutura central do livro pode ser descrita como o ato de se desmistificar o sonho do "super-mercado mundial" (global shopping-center), onde os conflitos desapareceriam pela varinha de condão de hábeis diretores de empresas transnacionais. Já há alguns anos, num livro sobre o genocídio, Hervé Savon comentava que as largas avenidas do racionalismo e da "razão humana" desembocaram diretamente nos fornos crematórios da segunda guerra mundial. Barnet e Müller, neste livro, nos demonstram um roteiro semelhante: dos super-mercados, gerências, marketing e outros vocábulos tão eficientes, já chegamos, em parte, às bombas de Napalm, aos super B-52 e, recentemente, à bomba de neutrons.

O programa das firmas que se promoveram a postulantes de uma «global corporation», uma firma global, pode ser compreendido como autêntica cruzada... mundial. Os autores descrevem muitos lances que ilustram a amplitude dessa «missão». No idioma alemão, a palavra *Beruf* descreve com mais sentido o propósito das firmas globais. A esse respeito, os comentários de Max Weber (*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. de Irene e Tamás Zmrecsanyi, São Paulo, Ed. Pioneira, 1967, cap. 3) são muito eloquentes.

Para a criação do «super-mercado mundial» (global shopping-center) foi necessário criar o que Ernest Dichter, que é o inventor da campanha da Exxon "ponha um tigre em seu tanque", descreve como sendo o "freguês mundial". Pois "as companhias que buscam capitalizar

oportunidades internacionais precisam compreender que a Antropologia Cultural é um instrumento importante no *marketing* competitivo. A firma publicitária Mc.Cann-Erickson, operando em 47 países, enviou recentemente minucioso questionário a professores especialistas em estudos latino-americanos, buscando informações sobre os hábitos alimentares dos *campesinos* e os padrões de consumo das novas famílias classe-média urbanas. (p. 30).

Os «pensadores» das firmas transnacionais arrogam-se em «agentes da mudança social, econômica e cultural»: ao que os autores concordam, mas, oferecendo-nos a perspectiva correta de tais mudanças.

«É procedente falar-se do desenvolvimento da firma global como uma revolução"... (mas)"... cada vez menos atraente, pois a economia de um trilhão de dólares é assediada pelo desemprego, inflação, crise, poluição, violência racial, terrorismo, trabalho entediante, bem como pelas misérias psicológicas da opulência e afluência tais como a alienação, tédio, desgarramento, tudo isso anunciado nos suplementos de jornais dos domingos do mundo inteiro" (p. 68).

Os autores relatam um fato pitoresco ocorrido no Brasil, em São Paulo, onde estiveram a convite de um industrial paulista. Este «mostrava com orgulho os centros comerciais pululantes, auto-estradas, apartamentos de luxo em toda São Paulo, etc... Quando perguntam ao industrial se em São Paulo havia um índice alto de criminalidade, ele responde meio tímido que — não, ainda não, ainda não estamos tão civilizados assim!» (69).

Os autores em surpreendente colheita de depoimentos de presidentes de sociedades anônimas, de diretores, de gerentes, possuindo experiência no mundo inteiro, vão pouco a pouco despertando o leitor da miragem do mercado global, que enrasca governos de países pobres e ricos, justificando condições econômicas abjetas a grande parte das populações marginalizadas. Na primeira parte da obra, no capítulo «Diplomacia da Sociedade Anônima e lealdade nacional" (Corporate Diplomacy and National Loyalty) há o exame da pureza ideológica e orgulho nacional. Além da prevalência dos interesses dos grupos de pressão, originários nos países de origem das sociedades anônimas, há a conduta perfeitamente amoral. Os interesses comerciais se ajustam a todos os regimes políticos.

No capítulo «Motores do desenvolvimento», os autores esquadriham os diversos inquéritos parlamentares do Senado norte-americano, bem como examinam balanços sub-reptícios de firmas gigantes. Os resultados foram compensadores. Até a data da publicação do livro, em 1974, o grupo de bancos americanos operando em vários continentes conseguiram amealhar a fortuna de um (1) trilhão de dólares (p. 233). Esta soma foi descrita pelo senador norte-americano Lee Metcalf, que

presidiu o sub-comitê de investigações do Senado dos Estados Unidos sobre «Orçamento, Direção e Gastos», como soma que é «enorme potencial tanto para fazer o bem quanto o mal». Esta escolha, entre o bem e o mal, dado o procedimento da alta finança internacional, já foi feita há muito tempo.

Os autores vão também revelar a soma dos lucros repatriados, extraídos dos balanços confidenciais de algumas corporações globais que operam na América Latina.

Tais firmas, “numa década, repatriaram, *ao ano*, um bilhão de dólares, ... com taxas de retorno real do capital investido variando de 50 a 400%, também *ao ano*.” (p. 161).

O comportamento da empresa Lockheed... «a despeito de sua ineficiência e malversação de fundos, foi subsidiada pelo contribuinte norte-americano.» Os mesmos contribuintes saldaram a dívida contraída pela Lockheed com os bancos, «por uma lei aprovada por margem estreitíssima de votos, durante o governo de Nixon, em 1971» (242/243 e ss.). Este capítulo descreve inúmeras outras negociatas e tem o título sugestivo: “A Latino-americanização dos Estados Unidos.” (!).

Outro grave problema analisado é o que vem sendo enfrentado pela administração fiscal e tributária norte-americana. Lutam pela formação de técnicos capazes de controlar o movimento contábil destas firmas gigantes que também depredam o próprio consumidor norte-americano. Charles Vanik, deputado americano, comenta que tais firmas “usam roupas de casamento para um encontro com os acionistas e vestem-se de molambos para enfrentar o Fisco» (p. 263).

Os autores descrevem os vários comportamentos das empresas globais, especializadas em sonegar o Fisco. Delineam com minúcias a ideologia da empresa multinacional. Entre os altos dirigentes da indústria farmacêutica, por exemplo, existe um mandamento característico: «mais vale um bom contador do que mil vendedores».

No capítulo destinado aos problemas do Estado e as firmas globais, Barnet e Müller atingem o cerne do problema quando concluem que «os poderes públicos são incapazes de lidar com as firmas transnacionais porque as leis se lastreiam em velhos mitos do capitalismo do século XIX, tais como o do mercado livre, onde empresários privados assumiam riscos privados em busca do lucro individual. E esses modelos se aplicariam dificilmente aos donos, aos gerentes de firmas tais como a IBM ou a EXXON.” (p. 374)

Em um capítulo muito significativo para se compreender a atual crise por que passam os Estados Unidos, «A Obsolescência da força de trabalho norte-americana”, o comportamento dos gerentes das firmas transnacionais é analisado em vários países. A competição obsessiva e o espectro do desemprego, atemoriza o porteiro e o diretor. O ambiente é tenso e agressivo.

Em série de entrevistas variadas, detectou-se o sentimento de inferioridade que contamina os operários, levando os mais jovens ao uso de narcóticos. Numa fábrica da Chrysler, um funcionário do sindicato dos trabalhadores de automóveis (United Auto Workers-UAW) provou que dentre quatro mil operários, quinhentos são viciados em heroína (p. 327).

Com a transferência de centenas, senão de milhares de fábricas dos Estados Unidos para os "paraísos fiscais" e sindicais, o empregado especializado vai se desatualizando. Os novos inventos são utilizados em países como a Coréia, Taiwan, Samoa, onde a massa dos empregados ganha a miséria de alguns dólares (2 ou 3) por dia. Essa atitude rapace, astuciosa das firmas vai desequilibrando o mercado nacional e internacional, eliminando o acesso de populações inteiras ao nível mínimo de bem-estar.

Os autores, como conclusão, denunciam o comércio das firmas transnacionais como embasado na injustiça social. Denunciam essas corporações globais como os promotores diretos de atrocidades em regimes autoritários de vários países. São os responsáveis pelo abafamento do sindicalismo em inúmeros Estados.

Com uma frase lapidar, os autores definem a pretensão do mercado global: «Mas com que direito um bando refinado de droguistas, biscoiteiros e projetistas de engenhocas se arvoraram em arquitetos do mundo novo»? Encontramos em Karl Jaspers, há anos, o julgamento profético desse domínio global. Denominava esse fenômeno de «nívelamento desvalorizado». E conclui-se que as civilizações históricas e as suas culturas desenraizaram-se, perdidas no mundo técnico-econômico e de um intelectualismo vazio.

ARTUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ

Universidade Federal de Minas Gerais.

FITT, Yann, FARHI André, VIGIER Jean Pierre. *La crise de l'impérialisme et la troisième guerre mondiale*. Paris, François Maspero, 1976, com uma introdução de Noam Chomsky. 286 p.

Os conflitos atuais, a crise contemporânea, todos os aspectos do presente tem tido série de exegeses, sob ideologias diversas, mas todas se constituindo num esforço de síntese de história contemporânea. Por exemplo, Richard Barnett e Ronald Müller explicam o poderio das multinacionais, com uma crítica procedente e muito lúcida, sob um ponto de vista mais ou menos tradicionalista. Sua obra *Global Reach* (New York, Simon and Schuster, 1974) é uma análise excelente do império das multinacionais, com fontes de primeira ordem.